



Prof.ª Dr.ª Gilka Girardello

Biografia:

Gilka Girardello é professora titular da Universidade de Santa Catarina, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutora em Comunicação (USP), com mestrado interdisciplinar em Ciências Sociais (New School for Social Research). Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Urbana da City University de Nova York. É uma das coordenadoras do Núcleo de Pesquisa em Infância, Comunicação, Cultura e Arte (CNPq/UFSC).

Entrevistador:

Prof. Dr. Mayrhone José Abrantes Farias
Univ. Federal do Norte do Tocantins - UFNT

As infâncias contemporâneas e as telas: entrelaces da pesquisa com crianças, mídias e educação

1. Você escreveu sua tese na década de 1990 problematizando alguns aspectos que cercavam as experiências infantis com a televisão. Para isso, se reportou às narrativas orais de crianças de uma comunidade em que a televisão não compunha, na oportunidade, a tradição local. Nas análises dos registros sobrelevou a capacidade das crianças participantes da pesquisa em recriar cenários imaginários mobilizados pelos conteúdos televisivos, no entanto, alertou para a pobreza ética e estética das narrativas acessadas por elas. Como você avalia, em pleno ano de 2023, tempos que a internet detém tanta representatividade, o lugar da televisão na interlocução com as culturas infantis?

Gilka Girardello: Apesar da explosão da internet, a televisão ainda é muito presente no cotidiano das crianças brasileiras (nove entre dez das crianças pequenas assistem TV todos os dias¹). E com a convergência das mídias e os atravessamentos do mercado e dos algoritmos, as mesmas imagens e roteiros que aparecem mais para as crianças na internet são também as que aparecem mais na TV. Então, apesar das especificidades de cada meio, muitos dos cuidados e critérios que o nosso campo de pesquisa veio acumulando ao longo do tempo seguem valendo.

Na época em que fiz a pesquisa para a tese, 30 anos atrás, as crianças daquela comunidade tinham muita liberdade para brincar na natureza, soltas, em seus grupos de amigos. Já naquela época era uma comunidade bem singular, porque só se tinha acesso a ela de barco, ou caminhando duas horas por uma trilha na floresta: não havia carros circulando, todos se conheciam, as crianças podiam subir em árvores e correr à vontade. Então esse contexto as ajudava a não ficarem grudadas na TV; elas viam um pouco, mas logo iam brincar e elaborar, no faz-de-conta com os amigos, os roteiros e personagens a que tinham assistido.

Por isso uma das conclusões da pesquisa - que acho que vale ainda hoje - foi a de que para pensar as mídias na infância é preciso pensar a qualidade geral do cotidiano das crianças. Elas precisam ter um pouco de tudo: companheiros de brincadeira, tempos e espaços para se soltar, livros, histórias, o cuidado sensível e mediador dos adultos. Num contexto assim, as telas entram com naturalidade e critério, sendo mais uma possibilidade de acesso à cultura, entre outras. Ou seja, a defesa da qualidade na relação da criança com as telas é inseparável da defesa da qualidade de vida geral das crianças. E é muito claro que uma sociedade que não é boa para suas crianças não é boa para ninguém.

2. Quanto às narrativas veiculadas por tantas outras plataformas atualmente que proporcionam uma experiência interativa maior que a televisão? A pobreza ética e estética outrora observada se atenuou ou agravou? No seu ponto de vista, quais infâncias as mídias têm construído (ou auxiliado na construção) em meio a esse cenário? E o lugar do corpo nessa interlocução?

Gilka Girardello: Obviamente que existem coisas maravilhosas nas plataformas interativas, na literatura digital, nos games. E ao mesmo tempo há uma enxurrada de lixo, talvez ainda maior que antes, porque mais disponível, inclusive ao acesso irrestrito da mão das crianças. Então o papel de duas dimensões da mídia-educação - a curadoria e a crítica - que sempre foram importantes, hoje é ainda maior e mais urgente.

A curadoria dos adultos - o trabalho de oferecer às crianças as imagens e textos de que elas precisam para serem saudáveis e felizes - tem a ver com contrabalançar o problema da dispersão, da dificuldade de manter o foco em meio à profusão de estímulos da cultura digital. A gente fica pulando de um site pro outro, de um grupo pro outro, de um meme pro outro, pescando pedacinhos de coisas ali, acumulando informações inúteis, muitas vezes perdendo a perspectiva do todo. E de qual o sentido daqueles textos e imagens: de onde aquilo vem? O que posso fazer com aquilo? Aqueles artefatos nos chegam sem memória - e assim também sem presente, nem futuro.

Como podemos encontrar e assistir junto com as crianças, vídeos, filmes e áudios que abram a elas um grande leque de materiais para fruição, reflexão e ampliação de repertório? Como dialogar em mão dupla com as crianças, num jogo de mútua ampliação de repertório? Talvez a gente possa começar propondo a elas: "Me mostrem um vídeo de que vocês gostam, depois eu mostro outro". E aí, respeitando o que a criança traz, ir ativando a troca, a conversa, lembrando que a produção de sentido sobre um vídeo acontece principalmente na conversa sobre ele, que é o que o Martín-Barbero chamou de mediação cultural.

Todo educador é um pouco curador, porque precisa escolher e pescar no mar de textos e imagens à sua volta aqueles que façam sentido em sua prática pedagógica, organizando-os de uma forma inspiradora. Por um lado, a internet facilita o acesso a bons materiais audiovisuais, mas o labirinto de links e opções pode embaralhar nossos esforços de seleção, nos desorientando e exigindo um tempo de pesquisa fora da realidade do cotidiano dos professores. Ainda mais se levarmos em conta a pressão do marketing, que empurra seus produtos para as primeiras opções nas buscas do Google. Então essa curadoria não pode se dar só na base do empenho pessoal, no esforço individual de pesquisar nas mídias coisas que enriqueçam a imaginação e a experiência das crianças. É preciso investimento na criação, produção e distribuição de materiais audiovisuais digitais de qualidade para as crianças brasileiras, no contexto de um fortalecimento geral da Educação, da Arte e da Cultura.

A outra dimensão que vejo hoje como ainda mais crucial do que nunca, na mídia-educação, é a dimensão crítica. Isso já virou até um lugar-comum no debate social hoje no país. Quando muitos se perguntam o que fazer para lidar com as bolhas de comunicação nas redes sociais, com a desinformação deliberada e com o discurso de ódio que elas alimentam, logo alguém diz que a solução vai ter que passar pela educação. Nós, pesquisadores

desse campo, dizemos isso há décadas - mas a escola não pode trabalhar sozinha, é preciso que setores públicos e privados segurem juntos essa bandeira. Porque não seria justo nem eficaz delegar só à escola o esforço de se contrapor ao tsunami de interesses políticos e comerciais que puxa para o lado contrário.

Da nossa parte, como educadores e pesquisadores, temos que ajudar a criar espaços seguros onde as crianças possam aprender a separar fatos de boatos e mentiras, a distinguir dados quase-objetivos de palavras e imagens motivadas diretamente por interesses comerciais, políticos ou ideológicos. Assim como a gente ensina a ler um livro prestando atenção em quem é o autor, as crianças precisam aprender a ler as imagens e roteiros digitais buscando saber quem os cria, mantém, promove e por quê.

Acho muito potente uma pergunta do Richard Kearney, filósofo irlandês que estuda a imaginação em tempos de crise ética: *como podemos distinguir entre usos encarceradores e usos emancipadores da imagem?* Para ele, isso passa pelo exercício de ver o outro, de se colocar no lugar do outro: o grande desafio de cultivar a empatia quando nossa vontade é só cancelar, ignorar, abolir o diferente. Uma inspiração para isso pode ser a historicização das imagens junto com as crianças, na pista das imagens dialéticas de Walter Benjamin. Historicizar a fruição de uma imagem junto com as crianças pode ser explorar a genealogia de sua produção, despertar uma atenção curiosa ao seu contexto e a seus detalhes, às surpresas e tensões da sua linguagem, instigar as crianças a inventarem narrativas sobre ela, a verem aquela imagem como se ela fosse uma carta lançada para o futuro, de uma pessoa para outra... Enfim, seria tentar conquistar esse outro tempo mais alargado que tanto desejamos, resistir à fugacidade e à pressa, fazer o contrário do que impõe o consumismo, e tentar olhar uma coisa de cada vez. Sentindo em nós mesmas, e junto com as crianças, que olhar vale a pena, que olhar não é banal, que olhar também é lembrar e imaginar um passado, um presente e um futuro.

Perguntas ainda sobre o lugar do corpo nessa interlocução. Para ir direto ao ponto, vou citar o Manifesto da Criança Digital, da Edith Ackermann, que acho muito bom: "Por favor, não esqueçam que eu tenho um corpo e gosto de usá-lo. Deixem-me liberar minha imaginação, transportem-me, tele-transportem-me, mas também me deixem tocar, sentir, movimentar-me, ter um chão sólido debaixo dos pés".

3. Quais os desafios você enfrentou (e tem enfrentado) em incorporar literatura, poesia e imaginação sob a perspectiva infantil, na Universidade e no campo científico em Educação?

Gilka Girardello: Boa pergunta! Olha, até que tenho tido bastante sorte nesse caminho, principalmente por conta dos companheiros e companheiras que encontrei na jornada. É claro que em alguns ambientes institucionais em que circulei, esses movimentos (aliar comunicação com infância, mídias com tradição oral, tecnologias com poesia) podem ter sido olhados eventualmente com alguma estranheza ou como coisa de importância menor. Mas sempre tive muita tranquilidade em relação ao valor e à necessidade dessas aproximações, porque na experiência cultural das crianças essas coisas estão todas juntas.

Acho que o conceito-chave de todas as minhas andanças de ensino e pesquisa é mesmo a imaginação, principalmente a imaginação infantil. É o que une os meus interesses por temáticas

tão diversas, como as culturas populares, a cultura digital e a curiosidade infantil pelos fenômenos da natureza. E como a arte é um dos grandes motores da imaginação, ou, para citar Bachelard, um dos hormônios da imaginação, não consegui e nem quis ficar longe do poder das artes na experiência das crianças - da música à dança, do cinema à literatura, passando pelo contar e ouvir histórias, que é a minha paixão mais antiga. E sempre tive a felicidade de encontrar, em diferentes tempos e lugares, colegas que pensavam do mesmo jeito e jovens estudantes que foram se construindo nessa mesma inspiração e na cumplicidade de olhar para um mesmo horizonte. Para uma paisagem em que se pensa as mídias em sua potência de expressão, memória, invenção, colaboração e diferença. Hoje no nosso país é bem grande a rede de estudiosos e ativistas da relação entre arte e comunicação na educação da infância. Ainda bem, porque há muitíssimo o que fazer.

4. Sua trajetória enquanto pesquisadora é marcada por uma perspectiva teórico-metodológica que respeita e resguarda um espaço às produções autorais infantis, recorrendo a diversas linguagens e mídias. Nesse bojo, você traz à tona a discussão de novos letramentos, no sentido de ampliação de possibilidades de leitura e escrita do mundo. Como você tem observado o processo de formação de professoras e professores recorrendo às mídias e/ou tecnologias digitais como parceiras nos processos educacionais?

Gilka Girardello: A formação ainda é um grande desafio. Nos encontros que tive com professoras das escolas públicas ao longo da pandemia, era constante a sensação de desamparo que elas manifestavam. Além do sofrimento pela pandemia em si, elas falavam da pressão por terem que começar a usar intensamente as tecnologias no trabalho pedagógico, de uma hora para outra, no susto, sem que tivessem tido formação adequada para isso. E formação pedagógica para trabalhar com as mídias, no sentido da mídia-educação – como a gente sabe –, não se reduz a saber mexer nas máquinas e aplicativos, isso até as professoras relatam que deram conta bem: mesmo com muita luta, trocando figurinhas com as colegas, conseguiram fazer coisas muito bonitas dentro daquela circunstância tão adversa. E se orgulharam disso, de terem conseguido “se reinventar”, essa foi uma das expressões que mais ouvi delas.

Mas uma formação mais completa precisaria levar em conta os direitos das crianças à proteção, provisão, participação; as relações entre o contexto, os conteúdos, potencialidades técnicas e semióticas das mídias e as especificidades das crianças e de cada criança; as formas de potencializar experiências de fruição, análise crítica e criação nas diferentes mídias e linguagens; o compromisso com a dimensão da cidadania; o diálogo com a multiplicidade cultural e com os diferentes saberes; enfim, precisaria levar em conta todos os modos como os princípios éticos, estéticos, políticos e pedagógicos da educação se configuram na relação das crianças com os meios de comunicação, tanto os analógicos como os digitais. E a maioria das licenciaturas ainda não contempla suficientemente esses assuntos, então

tudo fica dependendo da iniciativa individual dos professores ou de escolas e projetos específicos de formação continuada. É mais um exemplo do quanto o argumento de que a educação é a solução para a crise ética atual – das *fake news* ao discurso de ódio nas redes – é por enquanto mais retórico do que um compromisso efetivo da sociedade com a transformação.

5. Os efeitos da pandemia do COVID-19 promoveram uma maior reflexão no âmbito social acerca das mídias e tecnologias na educação, servindo de “tela”, inclusive, para observarmos contradições sociais que extrapolam as mídias em si, abrangendo questões políticas, econômicas, ambientais, dentre outras. Como você avalia o papel das mídias no universo infantil nesse contexto pandêmico que se estende até os dias atuais?

Gilka Girardello: As dezenas de pesquisas que foram feitas no Brasil sobre as mídias na vida das crianças durante a pandemia estão ainda sendo publicadas aos poucos, então talvez a gente precise de um distanciamento maior para poder fazer uma avaliação geral desse tremendo chacoalhão que aconteceu na vida delas. Algumas evidências gerais, confirmadas por pesquisas pontuais, são as de que as telas passaram a estar muito mais presentes no cotidiano das crianças, para o bem e para o mal. Porque elas foram muitas vezes as únicas possibilidades que as crianças tinham de interagir com amigos, familiares, professores e colegas – e ao mesmo tempo o excesso de tela é um problema grave, tanto pelo que causa como pelo que retira da vida das crianças.

Sobre a qualidade do que se mostrou para as crianças durante a pandemia, posso contar uma experiência pessoal. Fui curadora das edições online da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, em 2020 e 2021, e os filmes que se inscreveram foram realizados ou finalizados naqueles dois anos tão difíceis. Por isso, foi de forma muito consciente e deliberada que nós, da equipe, escolhemos exibir na Mostra filmes que, além de sua qualidade estética, apostavam no amor, na amizade e na alegria, filmes iluminados pela música, pela poesia, pelo teatro, e pela graça da brincadeira infantil. Nosso desejo, assumido explicitamente, era que eles pudessem assim ajudar a criar momentos de intimidade e esperança ao serem assistidos nas famílias, por adultos e crianças. Que pudessem abrir janelas para tempos felizes: tudo o que desejávamos - e desejamos - para as crianças brasileiras e para todos nós. Não sei se outros projetos de exibição de filmes, textos, *lives* ou podcasts para crianças tiveram uma motivação assumidamente semelhante a essa durante a pandemia, mas imagino que sim. No meio de tanta sombra, que bom terá sido se mais crianças tiverem vivido experiências inspiradoras nas telinhas, naquele longo tempo em que o mundo delas ficou tão circunscrito.

Lembro que no auge da pandemia muitos de nós imaginávamos, ou mesmo esperávamos, que depois que o mundo reabrisse as crianças acabassem enjoadas de tanta tela e corresse para o mundo físico de forma mais livre, intensa e prazerosa. Se isso vem acontecendo ou não, é ainda uma questão, por sinal muito interessante de pesquisar. Tomara que sim! ■

Notas

¹ Pesquisa Gloop/Tsuru/Quantas, 2021. <<https://gente.globo.com/estudo-gloop-passos-e-descompassos-da-primeira-infancia/>>